

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS**

SARAH FELÍCIA PAZ CAVALCANTE

**INTERATIVIDADE E CONSTRUÇÃO REFERENCIAL NO PERFIL DE ALICE
PATAXÓ NO INSTAGRAM**

**MACEIÓ-AL
2023**

Sarah Felícia Paz Cavalcante

Interatividade e construção referencial no perfil de Alice Pataxó no Instagram

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas como requisito para a graduação em Letras - Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Isabel Muniz Lima

Maceió-AL

2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

C3771 Cavalcante, Sarah Felícia Paz.
Interatividade e construção referencial no perfil de Alice Pataxó no
instagram / Sarah Felícia Paz Cavalcante. – 2023.
35 f. : il. color.

Orientadora: Isabel Muniz Lima.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras – Português)
– Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 35.

1. Interatividade. 3. Construção referencial. 3. Instagram. I. Título.

CDU: 81'42

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico essa conquista a Deus; à minha ancestralidade; às minhas mães Osun e Oyá; e ao meu pai Xangô. À minha espiritualidade e aos meus guias amigos, por toda força, proteção e todo cuidado.

Agradeço à minha mãe, Francisca, por todo suporte, e à minha tia Antônia, pelo incentivo e inspiração para a conclusão do meu curso. Agradeço à minha Yalorixá, Duda Ibitayó, e minha família na fé — os meus irmãos do Àsè Obainã.

Agradeço ao meu noivo, companheiro e grande amigo, Paulo César, por me acompanhar nos momentos mais difíceis desse trajeto, por proporcionar segurança, momentos de felicidade e por sempre acreditar no meu potencial. Essa vitória é nossa!

À minha orientadora, professora Isabel Muniz Lima, pela oportunidade de conhecimento e todas as trocas de afeto e aprendizado durante as disciplinas de estágio e no processo de construção dessa pesquisa. Agradeço em especial, à professora Rita Souto, em nome de todos os professores da Faculdade de Letras, por todo aprendizado compartilhado durante minha formação.

Ao meu psicólogo, Rafael Fernandes, que ao longo do processo de psicoterapia me acompanhou e ajudou a compreender que a construção desse trabalho esteve diretamente ligada ao meu processo de autoconhecimento.

Aos meus amigos da graduação, Andressa Guedes, Aline Wivian, Jean Albuquerque, Emilly Andreina, Bárbara Tenório, Lucas Omena e Dafhine Santos, que ao longo desses 5 anos — entre as disciplinas, PIBID, Diretório Acadêmico e grupos de estudos — ajudaram-me a construir uma caminhada mais leve, rica de conhecimento, resistência e afeto.

Aos meus amigos e irmãos, Pedro Frazão e Denysson Santos, por estarem sempre comigo, independente da distância e da situação.

E por fim, mas não menos importante, agradeço a mim, por jamais ter desistido desse meu sonho de criança, o de ser professora. Enquanto a primeira mulher da família a entrar, ocupar os espaços da universidade e concluir o ensino superior na Universidade Federal de Alagoas, mesmo diante das dificuldades e das abdições, sem jamais ter sucumbido.

RESUMO

Este trabalho se ancora na área da Linguística Textual Brasileira e pretende contribuir para a discussão acerca dos estudos da referenciação e da interatividade. Nosso objetivo principal é apresentar o processo de construção referencial em textos nativos digitais, bem como refletir sobre a influência dos níveis de interatividade no processo de referenciação, na construção de sentidos em torno do referente “Indígena”, na mídia Instagram. Na pesquisa, foram determinados três objetivos específicos: compreender como se configura o processo de construção referencial, tendo em vista os fatores tecnolinguageiros em contexto digital on-line; analisar de que maneira os níveis de interatividade se revelam na mídia Instagram e de que maneira o referente “Indígena” é categorizado, considerando sua organização em agrupamentos. A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa e documental (Minayo, 2001) derivada do recorte da postagem do dia 6 de novembro de 2022, no perfil da ativista indígena @alice_pataxo, em formato de *reels*, com 499 mil visualizações, 41,5 mil curtidas e 672 comentários. Destes, foram selecionados 42 comentários a partir de uma pré-análise dos elementos textuais e semióticos presentes no vídeo, o qual aborda 5 formas de como não se referir aos povos indígenas. Os critérios de escolha da postagem foram baseados no número de repercussão, como curtidas e comentários, *emojis*, e, também na ênfase de termos considerados pejorativos em relação às características físicas e identitárias dos indígenas. Para a fundamentação teórica, nos baseamos em Cavalcante *et al.* (2022), para conceituar referenciação e texto; em Muniz-Lima (2022), a respeito dos estudos de interação em contexto digital; e em Cavalcante e Muniz-Lima (2021), para discutir a construção referencial em compósitos de gêneros. Nos resultados constatamos que o processo de referenciação se constitui em uma negociação complexa de sentidos em torno dos referentes, considerando os interlocutores como agentes diretos nesse processo, imbricados dos valores sociais nas relações intersubjetivas durante as interações no contexto digital, com influência dos níveis de interatividade como a interferência do caráter dialógico, do controle do conteúdo, por meio de curtidas e da presença de *emojis* nos comentários.

Palavras-chave: Interatividade; Construção Referencial; Instagram.

ABSTRACT

This work is anchored in the field of Brazilian Textual Linguistics and aims to contribute to the discussion on referencing and interactivity studies. Our main objective is to present the process of referential construction in digital native texts, and also to reflect on the influence of levels of interactivity on the process of referencing, in the construction of meanings around the referent "Indigenous", in the media Instagram. In the research, three specific objectives were determined: to understand how the referential construction process is configured, taking into account the technolinguistic factors in an online digital context; to analyse how the levels of interactivity are revealed in the Instagram media and how the referent "Indigenous" is categorized, considering its organization in groupings. The methodology used is qualitative and documentary research derived from the post of November 6, 2022, on the profile of indigenous activist @alice_pataxo, in the form of reels, with 499,000 views, 41,500 likes and 672 comments. Of these, 42 comments were selected based on a pre-analysis of the textual and semiotic elements present in the video, which covers 5 ways of not referring to indigenous peoples. The criteria for choosing the post were based on the number of repercussions, such as likes and comments, emojis, and also for emphasizing terms considered pejorative in relation to the physical characteristics and identity of indigenous people. For the theoretical basis, we used Cavalcante et al. (2022), to conceptualize textual referencing and text; Muniz-Lima (2022), regarding interaction studies in a digital context; and Cavalcante and Muniz-Lima (2021), to discuss referential construction in genre composites. The results show that the process of textual referencing is a complex negotiation of meanings around referents, considering the interlocutors as direct agents in this process, imbricated with social values in intersubjective relationships during interactions in the digital context, influenced by levels of interactivity such as the interference of the dialogical character, content control through likes and the presence of emojis in comments.

Keywords: Interactivity; Referential Construction; Instagram.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	COMPREENDENDO O TEXTO E A REFERENCIAÇÃO	11
3	COMPREENDENDO A INTERAÇÃO, A INTERATIVIDADE COMO PROCESSO DE COCONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E O COMPÓSITO DE GÊNEROS	13
4	O REFERENTE “INDÍGENA” NA MÍDIA INSTAGRAM	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é ancorado na área da Linguística Textual Brasileira e busca contribuir para os estudos da referenciação textual e da interatividade. Surge da principal questão de pesquisa: De que modo o referente ‘Indígena’ é introduzido e recategorizado em contexto digital, especificamente, na mídia Instagram, considerando a influência dos níveis de interatividade para a construção de sentidos? Nosso objetivo principal é apresentar o processo de construção referencial, tendo em vista os fatores tecnolinguageiros presentes em textos nativos digitais e, também, refletir sobre a influência dos níveis de interatividade no processo de referenciação em contexto digital online.

Para alcançar o objetivo principal de nosso trabalho, mostra-se relevante refletir sobre as seguintes questões de pesquisa: 1. Como se configura o processo de construção referencial tendo em vista fatores tecnolinguageiros em contexto digital on-line? 2. De que maneira os níveis de interatividade se revelam na mídia “Instagram”, especificamente no post de 6 de novembro de 2022, no perfil @alice_pataxo? 3. De que forma o processo de construção do referente “indígenas” é caracterizado, na mídia Instagram, a partir do perfil da ativista indígena Alice Pataxó? A partir das questões acima, os seguintes objetivos específicos foram propostos: 1. Refletir sobre o processo de construção referencial tendo em vista fatores tecnolinguageiros em contexto digital on-line; 2. Compreender de que maneira os níveis de interatividade se revelam na mídia Instagram, especificamente no post de 6, de novembro de 2022, no perfil @alice_pataxo; 3. Analisar o processo de construção referencial de “Indígena”, na mídia Instagram, no perfil @alice_pataxó, levando em consideração a organização dos textos em agrupamentos.

Explicando a escolha da comunicadora indígena para o desenvolvimento do nosso trabalho, Alice Pataxó é uma jovem ativista e comunicadora, de 22 anos, pertencente ao grupo indígena “Pataxó”, no Brasil¹. Alice é residente do Território Indígena Barra Vermelha, iniciou sua jornada ativista aos 15 anos, ministrando aulas sobre cultura no mesmo colégio que estudou, em sua aldeia; faz parte de movimentos estudantis, como a UNE (União Nacional dos Estudantes), enquanto estudante da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), na qual é estudante de Bacharelado em Humanidades. A jovem ganhou influência através das redes sociais, produzindo

¹ Os Pataxó vivem em diversas aldeias localizadas no extremo sul do Estado da Bahia e no norte de Minas Gerais.

conteúdo em defesa do meio ambiente e dos direitos indígenas. Atualmente, após sua participação na COP26 (Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima), em Glasgow, na Escócia, no ano de 2021, foi considerada umas das 200 mulheres influentes do mundo pela BBC, em 2022, pela luta evidente em prol dos direitos dos povos originários em nosso país.

Consideramos, ainda, o contexto histórico e social marcado pela desumana colonização do Brasil constituído pelo genocídio contra os povos originários em mais de 500 anos de nosso país, que ainda hoje lutam, veementemente, contra o desrespeito e agressividade por parte dos grupos elitizados e seus interesses políticos e financeiros. Ainda hoje as comunidades indígenas lutam em defesa de suas vidas através dos movimentos das lutas políticas, com o exemplo da demarcação de terras através do Marco Temporal. Além do mais, devido ao fato do imaginário acerca do referente “Indígena”, historicamente, ser caracterizado socialmente e compreendido de forma pejorativa e estigmatizada no Brasil, faz-se interessante avaliar como uma jovem ativista indígena, a partir de seu perfil @alice_pataxo, com 174 mil seguidores, utiliza a mídia *Instagram* para desconstruir esses estigmas e discursos violentos enraizados em nossa sociedade, de maneira consciente, considerando as diversas possibilidades de interação entre os interlocutores, especificamente, a partir dos níveis de interatividade presentes nessa mídia que contribuem para a construção de novos sentidos.

Pessoalmente, enquanto jovem mulher descendente de povos indígenas, candomblecista e umbandista, acredito que o processo de minha pesquisa se concretiza como forma de resistência, de reconhecimento pessoal e de aprendizado na escola da vida. Enquanto profissional da educação e professora de Língua Portuguesa em formação, acredito que contribuirei com minha pesquisa como forma de reflexão na academia, fundamentando-me no que há de mais novo na área da Linguística Textual brasileira para, com minha análise, explicitar os diversos discursos construídos e reconstruídos nos textos de contexto online.

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa e documental sob as reflexões teóricas mais recentes no campo da Linguística Textual acerca dos conceitos de referenciação, texto, interação em contexto digital e compósitos de gêneros. Sobre o conceito de pesquisa qualitativa documental, Minayo (2001) afirma que esse tipo de estudo é aprofundado no mundo dos significados, das ações e relações, das motivações, das crenças, dos valores e das atitudes presentes no processo ou fenômeno social com um nível de realidade que não podem ser quantificados. Outro ponto importante destacado pela autora, ao basear-se na Dialética, é o entendimento que “o

processo social tem que ser entendido nas suas determinações e transformações dadas pelos sujeitos. Compreendendo assim, a necessidade de se trabalhar com as diferenciações que os problemas e/ou "objetos sociais" apresentam” (Minayo, 2001, p. 25). Partindo desse pressuposto, a compreensão sobre a execução da pesquisa qualitativa documental, colocada pela autora, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, construídos por um ritmo de pesquisa próprio. O ciclo de pesquisa é definido por Minayo como o processo de trabalho que começa com um problema ou pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações. O processo é iniciado pela fase exploratória da pesquisa, como foco na construção do objeto de investigação, e interrogações teóricas sobre o objeto estudado.

No desenvolvimento deste trabalho, utilizamos questões de pesquisas como norte para a nossa investigação acerca da construção de sentidos em torno do referente “Indígena” na mídia *Instagram*, propondo analisar como os recursos tecnolinguageiros, pertencentes à interação em contexto digital, como a interatividade, implicam no complexo processo construção de sentidos. Seguindo o processo, a fase de composição do corpus, a fim de realizar um recorte para a confirmação ou refutação de hipóteses e, também a construção de teorias a partir de observações, com o levantamento de material documental, bibliográfico etc.

No caso de nosso trabalho, o material documental levantado foi derivado do recorte da postagem, em formato de *reels*, postado em novembro de 2022, com 499 mil visualizações, 41,5 mil curtidas e 672 comentários, no perfil do Instagram de Alice Pataxó. A última fase do processo foi constituída pela elaboração do material selecionado, em seções de ordenação, classificação e análise propriamente dita; para, a partir desses passos, conduzirmos uma discussão sobre os dados, e, assim, produzir o confronto entre a abordagem teórica e a contribuição apontada por este trabalho. A contar desse momento, nossa proposta de análise se deu ao observar os elementos textuais presentes no vídeo, que aborda 5 formas de como não se referir aos povos indígenas. Em seguida, foram selecionados 42 comentários para a análise. É importante salientar que os critérios de escolha da postagem foram baseados no número de repercussão, como visualizações, curtidas e comentários, *emojis* e, também, pelo fato de enfatizar termos que estão equivocados em relação às características físicas e identitárias dos indígenas, necessários para a discussão. Minayo (2001) aponta ainda que esse ciclo de pesquisa jamais se finda, pois todo estudo pode levar a novas questões e possíveis aprofundamentos posteriormente.

Explicada a nossa perspectiva de metodologia, salientamos que este trabalho está organizado em três seções, sendo a primeira voltada para a compreensão do conceito de texto e do processo de referenciação textual; a segunda voltada para a apresentação do conceito de interação e dos níveis de interatividade como parte do processo de coconstrução de sentidos em textos nativos digitais, considerando o compósito de gêneros; a terceira seção é constituída da análise dos dados recolhidos e da discussão dos resultados alcançados.

2 COMPREENDENDO O TEXTO E A REFERENCIAÇÃO

Decorrente do desenvolvimento tecnológico, do fácil acesso às mídias digitais de forma global e das novas formas de se produzir textos em contexto digital on-line, sabemos que tanto o conceito de texto quanto o próprio conceito de referenciação modificaram-se devido aos novos modos de interação. Por isso, antes de aprofundarmos a discussão sobre a relação entre o processo de construção do referente “Indígena” e os níveis de interatividade em postagem na mídia Instagram, é de suma importância apresentar o conceito de texto e o conceito de referenciação que são consideradas acepções caras para o desenvolvimento de nosso trabalho sob a perspectiva da Linguística Textual.

Sobre o conceito de texto, consoante Cavalcante *et al.* (2022), o texto é considerado enquanto um evento comunicativo único e irrepetível, sendo também uma unidade de comunicação e de sentido em contexto. Por ser constituído por sistemas semióticos, é concebido, nessa perspectiva, como dialógico e multimodal. No caso dos textos produzidos em contato com a máquina, diante dos recursos tecnológicos e languageiros, sua realização sempre acontece por meio de gêneros, e sua elaboração é produzida por interlocutores, que podem ser humanos ou não. Compreende-se que o intuito dos interlocutores para com o texto é estabelecer a interatividade, definida como uma atitude responsiva ativa, direta e síncrona dos interlocutores para quem se dirigem, os quais constroem sentidos no ato do enunciar, em um dado tempo e num dado lugar (Muniz-Lima, 2022).

Sobre o conceito de referenciação, seguindo as contribuições de Cavalcante *et al.* (2022), esse fenômeno é considerado como um critério microtextual essencial para a articulação de todos os aspectos das unidades de comunicação e sentidos em contexto, que, conseqüentemente, evidencia dimensões maiores da textualização, enquanto fenômeno dinâmico de construção de coerência da Linguística Textual. A respeito do conceito de referenciação, compreende-se que:

A referenciação é provavelmente o critério mais central e mais profícuo da Linguística Textual, porque se relaciona com os demais critérios analíticos do texto. Só podemos tratar de referentes no âmbito do texto na interação afetiva, na qual se encena o circuito comunicativo, porque é lá que os participantes, como atores sociais, calculam o que vão falar, projetam como se podem dirigir ao outro tendo em vista os valores sociais e as crenças do contexto social em que se encontram. É dessas projeções mútuas, com um contexto a elas incorporado, que emergem os referentes no texto, e é por isso que Mondada (1994) caracteriza toda essa dinâmica como uma negociação complexa, tanto para elaborar os objetos do discurso quanto para encontrar a melhor maneira para expressá-los a cada

momento. As negociações não se restringem a decisões sobre expressões referenciais mais adequadas apenas, mas a qualquer escolha de elementos textuais interligados que emergem na situação encenada e incorporam valores sociais. (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 270-271).

Sendo assim, seguindo Cavalcante *et al.* (2022), a referenciação é uma atividade discursiva a qual considera os referentes como tudo do que se fala no texto. Por serem dinâmicos e instáveis, os referentes não possuem significado pronto, mas, sim, seus sentidos são coconstruídos no próprio uso pelos interlocutores, a partir das relações intersubjetivas, que acontecem no decorrer da interação, construindo, assim, sentidos em torno desses referentes. Diante disso, entendemos que o processo de referenciação se constitui como uma negociação complexa de construção de sentidos em torno dos objetos de discurso ou referentes. Nesse processo, consideram-se os interlocutores como agentes diretos na construção de sentidos, com suas escolhas imbricadas aos valores sociais e ao contexto que estão inseridos durante a interação.

Dito isso, na próxima seção, iremos refletir a respeito do conceito de interação em contexto digital no processo de construção de sentidos, o papel da interatividade e seus aspectos tecnolinguageiros e, também, o processo de construção referencial em compósitos de gêneros de suma importância para o arcabouço teórico de nosso trabalho.

3 COMPREENDENDO A INTERAÇÃO, A INTERATIVIDADE COMO PROCESSO DE COCONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E O COMPÓSITO DE GÊNEROS

Após explicitarmos os conceitos de texto e de referenciação, e entendendo que, no contexto digital, o processo referencial de construção de sentidos adquire configuração própria, faz-se necessário detalhar o conceito de interação em contexto digital, os aspectos tecnolinguageiros que compõem o fenômeno da interação — especificamente a interatividade — e explicitar o conceito de compósito de gêneros, bem como sua importância para a construção referencial.

Para adentrar à discussão acerca da influência da interatividade no processo de construção referencial, é interessante elucidarmos o conceito de interação em contexto digital baseando-nos em Muniz-Lima (2022):

[...] a interação seja compreendida como um processo de coconstrução dos sentidos entre interlocutores humanos e/ou não humanos, sempre encenado, e que acontece em diferentes modos em função de uma combinação de aspectos, no caso das interações em contexto digital, propomos que seja considerado um conjunto de fatores tecnolinguageiros, que envolva, entre outros elementos, o tipo de mídia, o tipo de suporte, os níveis de interatividade e os sistemas semióticos (Muniz-Lima, 2022, p. 82).

Ao detalharmos como se conceitua a interação em contexto digital, pontuamos também que é uma prioridade compreender o que é o conjunto de aspectos tecnolinguageiros — neste recorte nos atentamos para a interatividade. Segundo a autora, esses fatores são utilizados pelos interlocutores durante o processo de interação e implicam diretamente no processo de coconstrução de sentidos nos textos nativos digitais. Seguindo as contribuições de Muniz-Lima (2022), exemplificamos alguns dos principais aspectos tecnolinguageiros presentes no processo de interação, como o suporte, a mídia, os sistemas semióticos e a interatividade. O suporte é concebido como o lócus físico, considerado a parte mais material da interação, que, no caso dessa análise, é o aparelho celular; a mídia é entendida como o elemento que fomenta a interação — ou seja, a interação acontece a partir das especificações tecnolinguageiras de determinada mídia —, a escolhida, neste recorte, foi o Instagram. Outro aspecto tecnolinguageiros de extrema importância para as interações são os sistemas semióticos, que permeiam desde o viés da linguagem até a multimodalidade de sentidos, com os sistemas semióticos orais (trocas orais entre interlocutores, seja face a face ou virtualmente); semióticos imagéticos (todo tipo de representação visual, fotografia, pintura, desenho, gravura, no caso do contexto digital, *gifs*, *emojis* etc.); sistemas

semióticos gestuais (os movimentos corporais, expressões faciais, olhares etc.); e sistemas semióticos sonoros (todo tipo de som, ruído, melodia, de todas as variedades); e a interatividade, compreendida como o fenômeno tecnolinguageiro que promove os diferentes modos de engajamento efetivo, a partir de ações diretas e síncronas entre os interlocutores envolvidos no processo de interação.

De acordo com Muniz-Lima (2022), a interatividade é constituída por três variáveis: o controle de conteúdo, o aspecto dialogal e a sincronicidade. Explicitando brevemente, a variável do controle de conteúdo tem relação com o fato de que os interlocutores controlam ou têm a sensação de controle sobre o conteúdo disponível, através das funções de reação, edição, exclusão ou compartilhamento de algo de sua preferência. No caso da postagem inicial analisada mais adiante, apenas a autora poderia apagá-la ou editá-la. Já a variável do aspecto dialogal se concretiza na possibilidade que os interlocutores possuem de responder mutuamente através dos comentários, das respostas, das legendas e, assim, construir novos sentidos a partir de espaços de trocas dialogais e de exposição de opiniões durante as interações. E, por último, a variável da sincronicidade, que é mensurada conforme o tempo de resposta entre os interlocutores nas interações — ou seja, quanto menor o tempo de resposta entre os interlocutores, maior o engajamento ativo na interação (Muniz-Lima, 2022). Posto assim, compreendemos que as três variáveis da interatividade citadas anteriormente, junto aos demais aspectos tecnolinguageiros, corroboram para a construção referencial, dinâmica e complexa, no processo de coconstrução de sentidos acerca dos referentes.

A partir deste ponto, após termos trazido conceitos caros para o desenvolvimento do nosso trabalho, elucidamos uma proposta necessária para a discussão - a de compósito de gêneros, para que possamos explicar como se dá o processo de construção referencial e suas particularidades em textos nativos digitais.

No contexto digital on-line, a noção de gênero textual configura-se de forma complexa, uma vez que os gêneros se encontram em diversas possibilidades de espaço físico, com novos textos formados e, por conseguinte, novas possibilidades de interações e sentidos relacionados reciprocamente. Cavalcante e Muniz-Lima (2021), baseadas na noção bakhtiniana de enunciado, compreendem gêneros como padrões sociais discursivos socialmente reconhecidos. Para as autoras, os compósitos de gêneros podem ser entendidos como um agrupamento de gêneros; que se relacionam entre si, compondo diversificadas possibilidades de reunião de gêneros em um mesmo espaço físico/digital e de atualização e organização desses textos. No caso do recorte

analisado em nosso trabalho, a postagem em formato de *reels* pode ser considerada um compósito de gêneros formado por gêneros que se relacionam como: vídeo, legenda e comentários.

Desse modo, afirmamos, com base na reflexão das autoras, que o processo de referenciação em compósitos de gêneros em contexto digital, especialmente, no Instagram, possui especificidades e novas possibilidades de coconstrução de sentidos acerca do referente, a partir das relações intersubjetivas entre os interlocutores que utilizam os aspectos tecnolinguageiros, principalmente o da interatividade. Cavalcante e Muniz-Lima (2021), ao analisarem o processo de referenciação e recategorização em compósito de gêneros no Facebook, baseiam-se nas contribuições de Custódio-Filho (2011) para especificar o processo de construção referencial em contexto digital, o qual se constitui em duas etapas, sendo a primeira etapa a de apresentação, isto é, a maneira como o referente escolhido se manifesta pela primeira vez em que aparece no texto. No caso do texto nativo digital aqui estudado, a apresentação do referente se dá pela postagem inicial, o vídeo. Já a segunda etapa do processo é a de (re)elaboração dos referentes, que se dá no processo de mudança, através da recategorização e reconstrução de sentidos, pelos interlocutores, a partir das relações intersubjetivas que permeiam os objetos do discurso na interação. É importante destacar que, em nosso trabalho, o processo de mudança observado se dá através da influência dos níveis de interatividade presentes no processo de reelaboração complexo, tanto na postagem inicial da ativista, quanto nos comentários que constituem um compósito de gêneros.

Os papéis sociais funcionam como agentes ativos no processo de construção referencial — seja os papéis do/a autor/a da postagem ou daqueles que interagem — e são influenciados pela incorporação dos valores sociais e de crenças na emergência do texto, considerando principalmente os aspectos sócio-históricos desenvolvidos por esses interlocutores, que, a partir de suas experiências sociais, reconstróem o referente (Cavalcante *et al.*, 2022). Salientamos ainda que, numa interação simétrica, ambos os papéis se equiparam. Porém, nas interações especificamente em contexto digital, no compósito de gênero analisado, existem diversas particularidades disponíveis, como a possibilidade de comentar, compartilhar ou reagir.

Compreendemos então que, a partir dessas possibilidades, quem publica algo ocupa um papel social de hierarquia superior ao que os outros que respondem, considerando que aquele possui conhecimento e licença para falar sobre determinado assunto, embora ambas as posições busquem defender seu ponto de vista, tanto o autor da postagem quanto os interlocutores com os quais interage. Por isso, nesta pesquisa, compreendemos a importância do papel social da ativista

indígena na defesa dos seus e de sua ancestralidade que historicamente são negligenciados pela sociedade até os dias atuais.

Na próxima seção, faremos a análise do nosso corpus de pesquisa, a fim de mostrar como os níveis de interatividade contribuem para a construção de novos sentidos acerca do referente analisado, o objeto de discurso “Indígena”.

4 O REFERENTE “INDÍGENA” NA MÍDIA INSTAGRAM

Doravante, compreendidos as noções de referenciação, texto, interação, de aspectos tecnolinguageiros e interatividade e, também, o de compósito de gêneros, analisamos e refletimos sobre o processo de referenciação em textos nativos digitais, em específico com a mídia Instagram. O intuito desta seção é apresentar como o processo de coconstrução de sentidos acerca do referente “Indígena” acontece em contexto digital, como já falado, levando em consideração a influência dos níveis de interatividade no processo de apresentação e mudança/recategorização dos referentes.

Sobre o corpus, o vídeo² analisado possuía, até a data de análise, 41,5 mil curtidas, 672 comentários e 8.565 compartilhamentos. Havia a seguinte legenda na publicação: “Top 5 palavras para não se referir aos Povos Indígenas! Sempre nos deparamos com dúvidas sobre isso, e aqui eu te explico porque não usar alguns termos, e qual o termo correto a se usar para falar de povos tradicionais-”. Também foram utilizadas as seguintes *hashtags*: “#pataxó #povosindigenas #top5 #povostradicionais #brasil”, com o intuito de expandir o alcance nas redes e delimitar o tema apresentado aos principais interessados.

FIGURA 1 – Recorte da postagem inicial, etapa de apresentação do referente



Fonte: registro de tela realizado pela autora, via *smartphone*, no perfil @alice_pataxo no Instagram.

² Link de acesso ao corpus estudado:

<https://www.instagram.com/reel/CkosJctgerB/?igshid=ODhhZWM5NmIwOQ==>

A jovem ativista inicia sua postagem, de apresentação do referente, contemplando cinco termos que são considerados ultrapassados ao se fazer referência aos povos indígenas, citando, em ordem decrescente, da quinta para a primeira: “tribo”, “Bugre”, “selvagem”, “pele vermelha/pardo” e “índio”. Na postagem inicial, etapa de apresentação do referente, observamos, no canto inferior esquerdo da tela, as possibilidades das variáveis dos níveis de interatividade como o controle de conteúdo na opção “curtir”, representada pelo coração; a opção de “compartilhar”, representada pela seta; e, também, o aspecto dialogal, na função “comentar”, representado pelo balão.

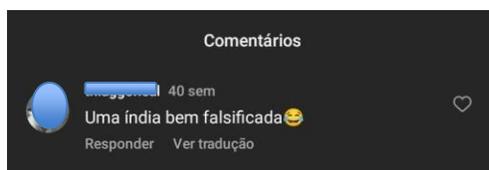
Continuando a análise do vídeo sob o aspecto multimodal, especificamente o sistema semiótico visual, é importante destacar todas as informações presentes. A jovem aparece paramentada de um par de brincos coloridos e compridos com o desenho de duas araras feito de miçangas e um adereço indígena feito de osso de búfalo chamado de “aíptxuy”, que tem o significado ancestral de marcar a passagem da infância para a vida adulta e o contato com a espiritualidade dos povos originários. Esse adereço é questionado em alguns comentários pelos interlocutores em relação ao seu significado. No registro de tela abaixo, veremos algumas falas a respeito dele:

FIGURA 2 – Processo de coconstrução de sentidos a partir dos interlocutores



Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

FIGURA 3 – Processo de coconstrução de sentidos a partir dos interlocutores



Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

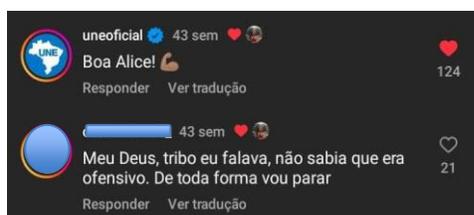
Salientamos que, após a apresentação inicial do referente, os comentários seguem sendo considerados como espaço para recategorização dos referentes no processo de mudança. É

importante destacar aqui que, dentre os mais de 600 comentários presentes na postagem, selecionamos alguns como forma de comprovação de dados; estes que irão corroborar para a discussão dos temas mais emblemáticos, a serem apontados durante toda a análise. Por exemplo, os comentários anteriormente apresentados, não possuem curtidas, embora remetam à problemática de preconceito para com o padrão estético da ativista. Os interlocutores questionam sua identidade e sua propriedade no debate, enquanto indígena, por fazer uso de seu adereço, que possui o significado ancestral, e não possuir traços como os cabelos lisos e olhos puxados como a imagem construída socialmente dos povos indígenas do Brasil.

Retornando ao detalhamento, durante todo o vídeo, na parte superior, está presente a frase: “top 5 palavras para não se referir aos povos indígenas”; também contém legenda e a ordem de palavras citadas, como uma espécie de *ranking*. A legenda presente na postagem é considerada como gênero que se relaciona com o vídeo e os comentários e tem relação com o caráter dialogal, pois proporciona a troca de mensagens entre a autora da postagem e os interlocutores.

A respeito dos termos citados, ao se referir à quinta palavra, “tribo”, a ativista defende que é um termo carregado de estigmas que ressaltam a ideia de os povos indígenas não aderirem à modernidade e não serem civilizados. Por isso, a necessidade de ressignificação desse sentido. A seguir, aprofundaremos como o termo “tribo”, que diz respeito aos povos originais, é recebido pelos interlocutores e recategorizados a partir dos níveis de interatividade e dos sistemas semióticos.

FIGURA 4 – Comentários a respeito do termo “tribo”

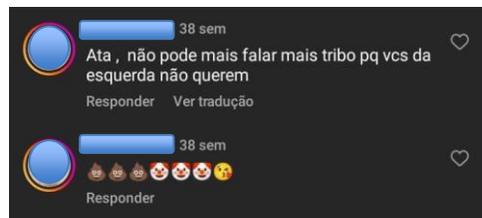


Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Vemos que o comentário feito pela União Nacional dos Estudantes, a UNE, em seu perfil @uneoficial: “Boa Alice! 🍊”, é o mais curtido de toda a postagem, com 124 curtidas; essa quantidade demonstra alto nível de interatividade e identificação entre os interlocutores. A UNE é

considerada a maior entidade de representação estudantil do Brasil e da América Latina, defende, historicamente, pautas de interesses das massas estudantis, dos negros e indígenas, da comunidade LGBTQIA+ etc. Nessa postagem, a amplitude de seu papel social como entidade representativa é reiterado a partir das curtidas. Contém, ainda, o emoji “👊”, que transmite o sentido de força ou apoio. Sendo assim, comprovamos a importância dos sistemas semióticos imagéticos na construção de sentidos. O segundo comentário “Meu Deus, tribo eu falava, não sabia que era ofensivo. De toda forma vou parar” possui 21 curtidas e reflete a importância do papel educativo da postagem para a sociedade, pois é considerado um instrumento de ressignificação dos sentidos do termo “tribo” para a usuária, que demonstra ter consciência do equívoco a partir de agora.

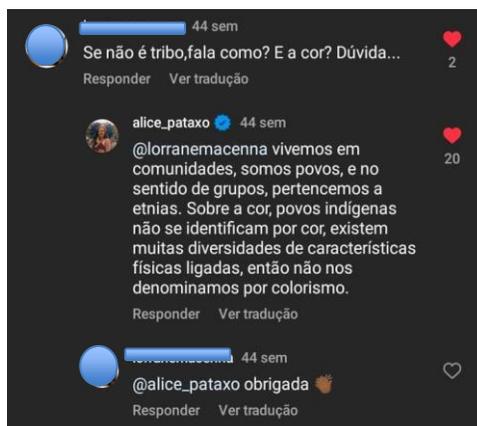
FIGURA 5 – Comentários a respeito do termo “tribo”



Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

No registro de tela presente na Figura 5, o interlocutor, em seu primeiro comentário, responsabiliza a população de “esquerda”, posição política no Brasil, pela reprovação do termo “tribo”, como forma de reforçar um discurso de ódio. Em seu segundo comentário, por meio do caráter dialogal, com a utilização dos *emojis* “👊🤔🤔🤔”, remete à reprovação e deboche acerca da explicação feita pela ativista.

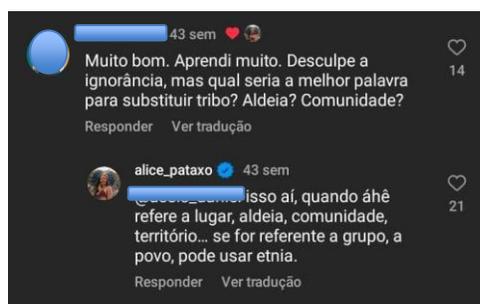
FIGURA 6 – Interação da ativista em comentário com interlocutora



Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Ainda, na discussão a respeito do termo “tribo”, outra interlocutora pergunta: “se não é tribo, fala como? E a cor? Dúvida...”. Aparentemente, a interlocutora não havia compreendido a explicação feita por Alice Pataxó, e, ainda, a indaga a respeito da cor a que deve se reportar quanto aos povos indígenas, uma vez que o “discurso de colorismo” ainda é muito utilizado em nossa sociedade. Seu comentário contém 20 curtidas. Em seguida, a autora da postagem inicial, Alice Pataxó, interage explicando que, em relação aos grupos, os indígenas se organizam em etnias. E justifica ainda que, em relação à cor, os povos indígenas não se denominam através do colorismo, por conta das múltiplas características que possuem. A interlocutora de Alice finaliza a interação agradecendo-a, com uso do *emoji* “👍”, e parabenizando-a.

FIGURA 7 – Outra interação entre a ativista e outro interlocutor

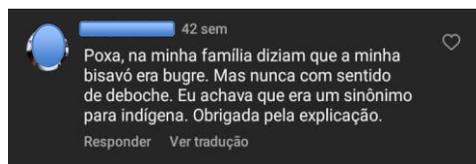


Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Nesse recorte, o interlocutor interroga Alice sobre qual seria a melhor palavra para substituir o termo “tribo” - o comentário possui 14 curtidas. Ela o responde que, ao se referir sobre espaço físico, os termos “aldeia”, “comunidade” ou “território” são os aconselháveis, destacando que, para se dirigir ao grupo ou povo, o termo adequado é “etnia”. É importante nos atentarmos que, nesses dois últimos recortes, a ativista indígena interage diretamente, por meio do aspecto dialogal e de controle de conteúdo, quando “curte” e responde aos interlocutores.

A quarta palavra, “bugre”, também é compreendida como algo pejorativo e degradante para com os povos indígenas, o que reforça a ideia de serem “povos rudes”. Segundo Alice Pataxó, o termo é uma forma generalizada e preconceituosa para se referir aos indígenas, colocado pelos europeus ao considerarem que esses povos indígenas não possuíam “fé no Deus cristão” — em sua origem francesa, o termo remete ao significado de heresia. Nos comentários a seguir, veremos como três interlocutores contribuem para a construção de sentidos, por meio da reelaboração do referente “indígena” a partir de suas experiências pessoais.

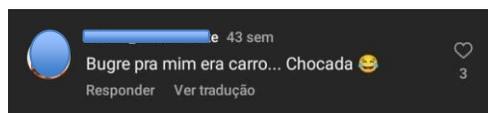
FIGURA 8 – Reelaboração a partir das experiências dos/as interlocutores/as



Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Nesse comentário, a interlocutora relata que, em sua família, historicamente, a bisavó pertencia à etnia “bugre”, que, para ela, era compreendida como um sinônimo de ser “indígena”. Porém, pode-se perceber como a falta de informação perpetua discursos errôneos em nossa sociedade. Ao fim do comentário, a interlocutora agradece pela explicação de Alice Pataxó.

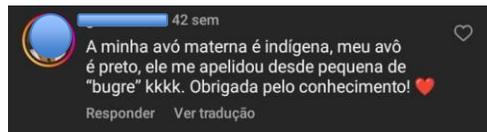
FIGURA 9 – Reelaboração a partir das experiências sociais dos/as interlocutores/as



Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023)

Nesse comentário, a interlocutora mencionou que, para ela, o termo “Bugre” estaria relacionado ao modelo de carro “Buggy”, que, popularmente, é chamado de “bugre”. Isso pode revelar outro sentido para o termo discutido. Ela ainda utiliza o termo “chocada” e o *emoji* “😂”, que contribuem para uma ideia de descontração.

FIGURA 10 – Reelaboração a partir das experiências dos/as interlocutores/as

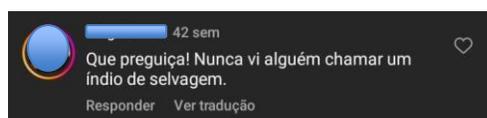


Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Nesse comentário (Figura 10), o fato interessante a ser destacado é que a proximidade com uma pessoa indígena na família/meio social não impediu que a interlocutora fosse apelidada pelo termo “bugre” pelo avô. Essa situação reforça como a falta de conhecimento e a distorção dos termos identitários prejudicam os povos originários e seus descendentes. Ao final do comentário, a interlocutora agradece a Alice Pataxó pelo conhecimento compartilhado, fazendo uso do controle de conteúdo (pois ela também constrói sentidos com Alice), com o *emoji* “❤️”, que remete à construção de sentidos em torno da afetividade, como forma de gratidão.

Dando continuidade ao vídeo, Alice Pataxó apresenta a terceira palavra para não nos referirmos aos povos indígenas: “selvagem”. Logicamente, esse não é um termo adequado para se referir aos povos originários, mas sim ao próprio animal onça-pintada. Em tom irônico, ela defende que “selvagem” é o animal e “que ele continue sendo”. Essa fala reflete o entendimento distorcido em nossa sociedade de que os indígenas de hoje em dia ainda devem viver isolados da sociedade e de seus direitos enquanto cidadãos brasileiros.

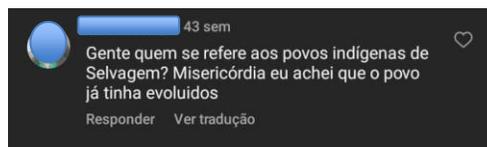
FIGURA 11 – Reelaboração a partir das experiências dos/as interlocutores/as



Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Nesse comentário, pode-se observar que o interlocutor descredibiliza o que foi falado por Alice Pataxó, afirmando que ela nunca viu alguém chamar um “índio” de selvagem. Com esse comentário, podemos perceber que o interlocutor leva em consideração apenas a sua realidade social, julgando-a como verdade. Outro aspecto a se destacar é a reelaboração do referente “indígena” como “índio”.

FIGURA 12 – Reelaboração a partir das experiências dos/as interlocutores/as

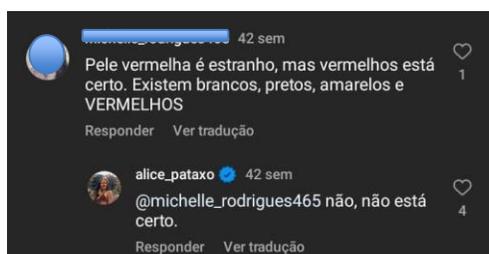


Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Nesse comentário, a interlocutora contribui com a construção de sentidos a partir do momento em que provoca a seguinte reflexão: “Gente quem se refere aos povos indígenas de Selvagem? Misericórdia eu achei que o povo tinha evoluídos”. Contrariando o interlocutor da Figura 11, para ela é inadmissível a ideia de que esse tratamento pejorativo ainda exista em nossa sociedade.

A respeito desse termo, o propósito dos dois comentários escolhidos foi mostrar a reelaboração de sentidos entre duas experiências sociocognitivas distintas: uma que discorda e outra que concorda com a postagem inicial. A segunda palavra/termo apresentado é “pele vermelha” ou “pardo”. Alice Pataxó defende que as cores não falam sobre a identidade indígena, afirmando ser uma questão autoexplicativa. Como já vimos na Figura 7, a indígena afirma que os povos indígenas, em seu coletivo, não se identificam por colorismo, dado o fato de que possuem muitas características físicas distintas, provavelmente, devido ao processo de miscigenação.

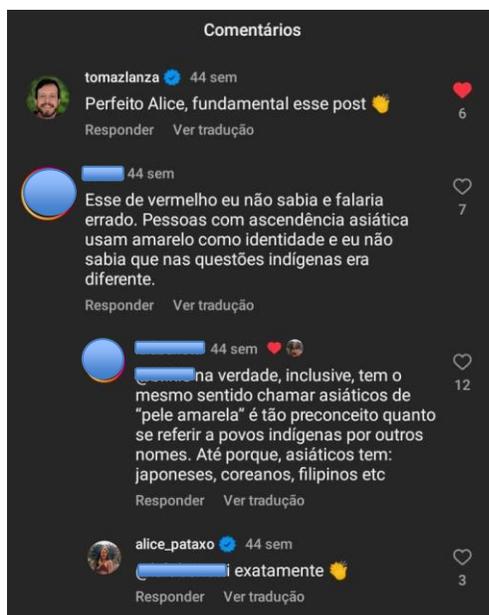
FIGURA 13 – Reelaboração de sentidos a partir da interação entre interlocutores/as



Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Na Figura 13, cujo comentário primeiro aparece com uma curtida, a interlocutora, a partir de suas experiências sociocognitivas, contesta que o termo “pele vermelha” é estranho, mas defende que o termo “vermelhos” é, sim, adequado, assim como os termos “brancos”, “pretos” e “amarelos”. Em seguida, lemos o comentário, com quatro curtidas, de Alice Pataxó, afirmando que “não está certo” e, assim, finalizando essa interação.

FIGURA 14 – Reelaboração de sentidos a partir da interação entre interlocutores/as



Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Na Figura 14, dois interlocutores interagem com Alice, o primeiro é @tomazlanza, engenheiro e sócio/criador da empresa de engenharia sustentável com foco na restauração florestal, Marupá Consultoria. Seu comentário possui 6 curtidas: “Perfeito Alice, fundamental esse post 🙌”,

aprovando o que foi dito pela ativista. É possível observar o papel social de influência do engenheiro que, assim como Alice Pataxó, possui o selo azul de verificação ao lado de sua identificação na conta do Instagram. O selo é considerado um recurso tecnolinguageiro, sendo uma ferramenta própria da mídia Instagram, uma vez que tem a função de conferir credibilidade à conta, declarando-a autenticada e oficial, evitando que perfis falsos se passem por quem a possui.

A segunda interlocutora afirma não ter conhecimento de que o uso do termo “vermelho” para pessoas indígenas é considerado pejorativo, fazendo comparação com o termo “amarelo” para os povos asiáticos. Esse comentário possui sete curtidas, e é respondido por outra interlocutora, que contribui para a discussão afirmando que, ao nos referirmos aos povos asiáticos como “amarelos”, também estamos sendo preconceituosos, pois, assim como os povos indígenas possuem diversas etnias, os povos asiáticos também. Esse comentário apresentou doze curtidas (o que demonstra um nível de interatividade maior em relação aos demais), inclusive a de Alice Pataxó, que também participa da interação, respondendo “exatamente 🙌”, concordando com a explicação.

FIGURA 15 – Reelaboração de sentidos a partir da interação entre interlocutores/as



Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Na Figura 15, a interlocutora interage com Alice Pataxó pedindo que fale mais sobre a percepção dos povos indígenas sobre cor e raça. Seu comentário possui 86 curtidas, sendo, até o momento de nossa análise, um dos mais curtidos. Isso significa que 86 usuários se identificaram com a necessidade desse debate. Em seguida, Alice Pataxó se vale do caráter dialogal da interação, através do espaço dos comentários, e interage com a interlocutora, afirmando que pretende voltar

a falar sobre o assunto em *live*, com participação de convidados, para o aprofundamento do debate; seu comentário possui 58 comentários. Por fim, o último comentário da Figura 15 menciona que a interlocutora está “ansiosa” para esse momento sugerido por Alice e utiliza o *emoji* “😍😍😍”. É interessante ressaltar que a ativista acompanha a sua publicação e interage diretamente com os seus seguidores, estreitando as relações e promovendo novas construções de sentido.

E, finalmente, passaremos à análise do primeiro termo mencionado no vídeo, “índio”. Esse termo apresentado pela jovem ativista é muito conhecido. A ativista levanta a problemática acerca deste, afirmando que ele não serve para se referir aos povos indígenas por não deixar clara a origem dos povos — se dá Índia ou do Brasil — e por carregar e reforçar, de forma geral, diversos estereótipos. Ao reafirmar a contínua construção da imagem do indígena no período da colonização do Brasil, na sociedade atual, não representa as diversidades étnicas e culturais desses povos. Ela finaliza o vídeo promovendo uma reflexão e respondendo como devem ser chamados os povos indígenas, com o termo “Povos Indígenas”, ou ainda “Povos Originários”. Explica que, ao utilizarmos esses termos, fortalecemos as diversidades culturais, linguísticas e históricas. Destaca também que o termo “indígenas” é o termo correto para se referir aos povos habitantes de uma região antes de sua colonização que, assim, define os povos originários.

FIGURA 16 – Reelaboração de sentidos a partir da interação entre interlocutores/as

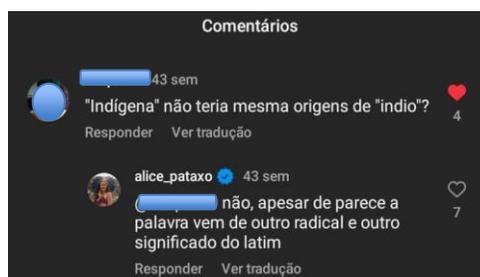


Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Na imagem acima, o interlocutor interage com seu comentário, que possui quatro curtidas, o que contribui para o processo de reelaboração do referente “indígena”. O usuário comenta, como forma de reclamação: “Não pode chamar índio de índio, galera aprendam”. O comentário, com tom irônico, mostra a maneira como o referente “indígena” é recategorizado como “índio”, de forma pejorativa. Em seguida, a interlocutora, em seu comentário com seis curtidas, responde-o,

retificando o sentido provocado pelo primeiro interlocutor acerca do referente principal com a fala: “não pode chamar povos indígenas de índio galera, aprendam.”

FIGURA 17 – Reelaboração de sentidos a partir da interação entre interlocutores/as

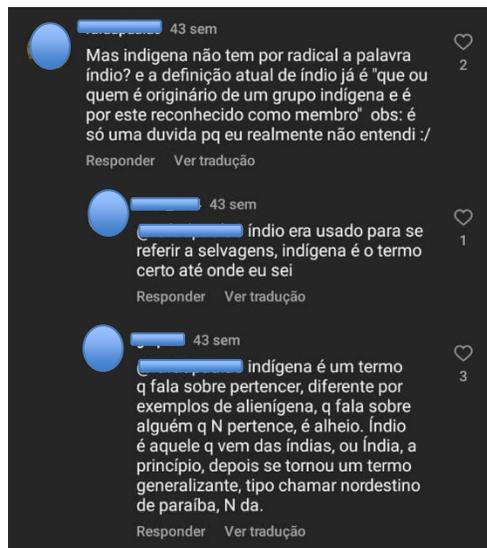


Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

A partir da Figura 17, vemos que surge uma discussão a respeito da origem das palavras “indígenas” e “índio”, quando o interlocutor, com seu comentário com quatro curtidas, questiona a origem de ambos os referentes. A ativista Alice Pataxó o responde, continuando o processo de reconstrução dos sentidos, afirmando que, apesar das palavras se parecerem, os significados dos radicais de ambas, em latim, vêm de origens diferentes. Seu comentário possui sete curtidas, revelando uma repercussão interessante.

Ao aprofundarmos as pesquisas sobre os significados dos radicais desses termos, compreendemos que um dos sentidos para “índio” deriva do engano de Cristóvão Colombo, que julgara ter encontrado as Índias, o “outro mundo”, como dizia, na sua viagem de 1492. Com o decorrer dos anos, o termo ganhou força na nossa sociedade. Porém, vale ressaltar que o termo “indígena” é proveniente do latim e é utilizado para designar a relação a algum lugar de nascimento. No qual o prefixo “-indi” significa de lá e o prefixo “-gen” significa nascido, portanto, seu significado etimológico seria “nascido ali” ou “originário” daquela terra.

FIGURA 18 – Reelaboração de sentidos a partir da interação entre interlocutores/as



Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Continuando a discussão a respeito do significado dos radicais da palavra “índio” e “indígena”, o interlocutor com seu comentário, que possui duas curtidas, inicia a interação questionando a relação entre os radicais e a definição atual de “índio”, que, para ele, é “que ou quem é originário de um grupo indígena e é por este reconhecido como membro”. Na sequência, outro interlocutor, com o comentário que possui uma curtida, contribui para a discussão afirmando que o termo “índio” era usado para se referir aos selvagens, e “indígena”, por sua vez, seria o termo correto para se referir a esses povos. Por fim, um terceiro interlocutor participa do processo de coconstrução de sentidos, com seu comentário que possui três curtidas, apresentando sua percepção a respeito do termo “indígena”, que, para ele, está relacionado ao ato de “pertencer”. O terceiro interlocutor traz para a interação, ainda, a relação entre o significado da palavra “alienígena” como forma de explicação, com o prefixo “-ali”, que significa fora, de outro lugar, e o prefixo “-gen”, que significa nascido; portanto seu significado etimológico seria “nascido fora” ou “nascido em outra terra”; conforme o dicionário, significa quem ou que é natural de outra terra, assim como estrangeiro. Ele defende também que o termo “índio” está intrinsecamente ligado à Índia e afirma que o termo é generalizante, assim como “paraíba”, que é usado preconceituosamente para se referir aos nordestinos de nosso país.

Nesse recorte da Figura 21, selecionamos dois comentários dessa interlocutora, para explicitar como os *emojis* “😍❤️👏” revelam o caráter dialogal da interação e contribuem para a construção de sentidos junto às frases “Quão bom aprender com nossos povos originários. 😍😍😍❤️” e “Perfeito 👏👏👏👏😍”. Podemos compreender que a interlocutora concorda com a discussão apresentada na postagem inicial e com o termo apresentado por Alice Pataxó: “Povos Originários”.

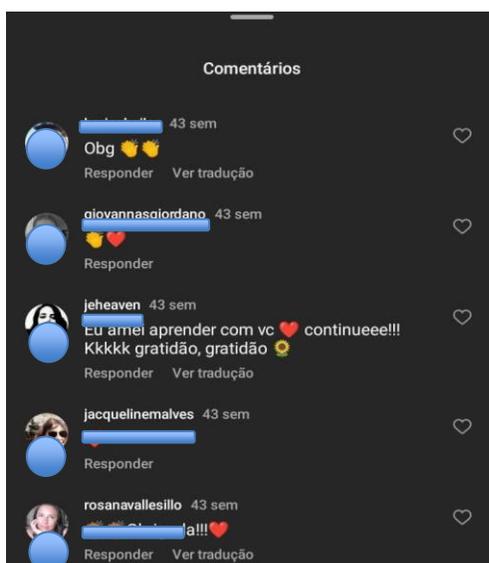
FIGURA 22 – Reelaboração de sentidos a partir da interação entre interlocutores/as



Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Nesse recorte (Figura 22), o processo de reelaboração dos sentidos acerca do referente é evidenciado. A interlocutora se vale do caráter dialogal da interação para apresentar sua concepção a respeito do referente principal “Índigena”, que é discutido durante todo o tempo — para ela, o referente é reelaborado como “Povo original” ou “Povos originários”.

FIGURA 23 – Reelaboração de sentidos a partir da interação entre interlocutores/as



Fonte: Acervo de capturas de tela da autora (2023).

Para finalizar nossa análise, selecionamos os comentários da Figura 23, a fim de reiterar a importância dos *emojis*, como constituinte do sistema semiótico imagético, para a construção de sentidos em contexto digital. Alguns dos interlocutores apenas utilizam os emojis “❤️” “👏” para participar do processo de interação e coconstrução de sentidos. Outros comentam “👏👏 Obrigada!!!❤️” e “Eu amei aprender com você ❤️ continueeee!!! Kkkkk gratidão, gratidão 🌻”. Isso comprova a reflexão de Muniz-Lima (2022) sobre a importância dos sistemas semióticos na construção de sentidos dos textos em contexto digital on-line e, como vemos, para o jogo de elaboração e reelaboração dos referentes.

Diante do exposto, concluímos que o processo de construção referencial em contexto digital on-line, especialmente, na postagem analisada, é configurado em conjunto com os fatores tecnolinguageiros presentes na mídia Instagram. Assim sendo, destacamos que os interlocutores contribuem para a coconstrução de novos sentidos a respeito do referente apresentado na postagem inicial por meio das possibilidades de engajamento efetivo na reconstrução dos sentidos desta postagem, principalmente se valendo de aspectos da interatividade — como o caráter dialogal, na possibilidade de comentar, a quantidade de curtidas dos comentários, a presença de *hashtags* e marcação de perfis (com o uso do arroba @). Além disso, os interlocutores se valem do controle de conteúdo ao curtir, compartilhar, excluir comentários, visualizar, editar e fazer uso de *emojis* (sistema semiótico imagético). E, além disso, a sincronicidade (o tempo de resposta entre uma troca dialogal e outra) propicia o engajamento simultâneo entre os interlocutores, através do alto alcance das visualizações.

Após as análises da postagem do perfil @alicepataxó e de alguns comentários, evidencia-se que o processo de construção do referente “Indígena” se estabeleceu de diferentes formas, sendo aquele apresentado pela ativista como instrumento de desconstrução de estigmas. Encontramos, durante o processo de reelaboração do referente, recategorizações diferentes da que a ativista apresenta para o referente “Indígenas”. Como buscamos evidenciar, através dos comentários, os interlocutores vão reconstruindo esse referente, à medida que expõem suas experiências, concordando com o modo como a ativista o apresentou ou reconstruindo-o de maneira totalmente diferente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos mostrar como se configura o processo de construção referencial do referente “Indígena”, na mídia Instagram, a partir do perfil @alice_pataxo, da ativista indígena Alice Pataxó, na postagem do dia 6 de novembro de 2022, com o recorte de 42 comentários. Após descrição e análise dos dados, concluímos que o processo de construção referencial nesse composto de gêneros se configura com especificidades próprias em relação com fatores tecnolinguageiros presentes na mídia Instagram. Esse processo é constituído pelas etapas de apresentação do referente “Indígena” e, na sequência, da reelaboração do referente de forma complexa e dinâmica, a qual acontece por meio da influência dos aspectos tecnolinguageiros presentes na mídia, contribuindo para que os sentidos atrelados ao referente sejam coconstruídos através das trocas instantâneas de experiências sociais dos interlocutores, ligadas às suas realidades e a seus papéis sociais, durante a interação.

Nesse sentido, percebemos que a interatividade se revela na mídia Instagram por meio das diversas possibilidades dos interlocutores de se engajarem efetivamente na reconstrução dos sentidos dessa postagem, principalmente, se valendo do caráter dialogal, perceptível pela possibilidade de comentar, quantidade de curtidas nos comentários, presença de *hashtags* e marcação de perfis; do controle de conteúdo, que se mostra pelas ações de curtir, compartilhar, excluir comentários, visualizar, editar e fazer uso de *emojis* (sistema semiótico imagético); e, ainda, da sincronicidade, que propicia o engajamento simultâneo entre os interlocutores, através do alto alcance das visualizações.

Percebemos que o referente “Indígena” é introduzido e recategorizado na mídia Instagram de diferentes maneiras. Nas interações que observamos, tanto da ativista quanto dos interlocutores, essas recategorizações parecem funcionar como instrumento de desconstrução de estigmas. Durante esse processo, encontramos através dos comentários, categorizações diferentes das que a ativista defende. Os interlocutores vão reconstruindo esse referente à medida que expõem suas experiências, tanto concordando com o modo como a ativista o apresentou, quanto o reconstruindo de maneira totalmente diferente, questionando ou contrariando abertamente.

Por fim, para além do que foi discutido neste trabalho acerca do processo de referenciação, ressaltamos a necessidade do diálogo e do acesso aos canais de comunicação e de mídia no Brasil, entre os jovens, de forma consciente e crítica. Salientamos que é imprescindível promovermos a

visibilidade para as juventudes indígenas e seu gigante potencial na luta em defesa da diversidade cultural/linguística na sociedade brasileira. Enquanto profissionais da área da Educação, enfatizamos ainda a necessidade de pensarmos, futuramente, em uma possível prática pedagógica acerca do que foi discutido nesta pesquisa, priorizando um processo de ensino e aprendizagem com ênfase nos letramentos voltados para a diversidade cultural/linguística em ambientes de trabalho e, principalmente, no ambiente escolar — um dos instrumentos para essa proposta poderia ser a Pedagogia de Multiletramentos (2021).

Concordamos com Duarte e Muniz-Lima (2020), os quais defendem que, em relação ao ensino, as propostas de multiculturalidade e tecnologia, quando trabalhadas pelos professores de Língua Portuguesa, contribuem para a construção de sentidos em torno do texto e poderão proporcionar aos/às estudantes, enquanto interlocutores nas redes, novas e potentes habilidades de comunicação — seja por meio da interpretação das informações, seja na apresentação de seus pontos de vista de forma crítica nas interações que estão vinculadas aos papéis sociais que desempenham na vida pública, privada e na vida profissional.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; MUNIZ-LIMA, Isabel. A construção referencial em compósitos de gêneros na mídia Facebook. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, p. 430-450, dez./2021.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *et al.* **Linguística Textual**: conceitos e aplicações. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

DUARTE, L. M. Antônio; MUNIZ-LIMA, Isabel. Os discursos nativos digitais e o ensino de Língua Portuguesa. SCHÜTZ, Jenerton Arlan. *et al.* (org.). **Um olhar sobre a educação contemporânea**. Abrindo horizontes, construindo caminhos. Cruz Alta: Ilustração, 2020. v. 1.

GRUPO NOVA LONDRES. Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuro Sociais. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, ed. 13, p. 101-145, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578>. Acesso em: 30 abr. 2023.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Modos de interação em contexto digital**. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) — Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.